

- Revista Teológica Brasileira -

VOLUME XII – NÚMERO 1



EXPEDIENTE

Editor Geral:
Dr. Claus Schwambach

Editores:
Dr. Euler R. Westphal
Dr. Werner Wiese

Diretor da Editora União Cristã:
Carlos Alberto Krewer

ISSN:
0104-0073



VOX SCRIPTURAE:

FACULDADE LUTERANA DE TEOLOGIA FLT-MEUC
Caixa Postal 431 – 89.290-000 - São Bento do Sul-SC
ceteol@ceteol.com.br – www.ceteol.com.br
Fone/fax (47) 635-1108

EDITORA UNIÃO CRISTÃ
Caixa Postal 9 – 89.290-000 – São Bento do Sul-SC
ucrista@uniaocrista.com.br – www.uniaocrista.com.br
Fone/Fax (47) 635-0911

Os artigos publicados são de inteira responsabilidade de seus autores e não refletem, necessariamente, a opinião dos editores.

INTERPRETAÇÃO DE PARÁBOLAS

Claiton André Kunz¹

INTRODUÇÃO

Entre os muitos gêneros literários da Bíblia, encontram-se também as parábolas. Este gênero, como qualquer outro, apresenta suas próprias características e peculiaridades, e requer um estudo apropriado quanto à sua forma e interpretação.

Primeiramente far-se-á a conceituação do termo, um estudo sobre o seu uso, o cuidado quanto à importância do contexto em que as parábolas se encontram, e, finalmente, a interpretação das mesmas. Este último aspecto será dividido em duas partes: a história da interpretação e as regras da interpretação.

Feitos estes estudos preliminares, tomar-se-á duas parábolas do Antigo Testamento, para serem estudadas a modo de exemplo, aplicando-se os conceitos e regras que foram anteriormente expostos.

A primeira delas será a parábola que o profeta Natã utilizou para confrontar o rei Davi, após seu pecado de adultério com Bate-Seba e o assassinato de Urias (2 Sm 12). A segunda parábola escolhida é aquela que um profeta anônimo utilizou para repreender o rei Acabe, no retorno da guerra contra Ben-Hadade, rei da Síria (1 Rs 20).

I – PROLEGÔMENOS

1.1 Conceito de Parábola

Em vários trechos da Bíblia encontramos parábolas. Definir o termo é parte integrante para uma boa hermenêutica das mesmas. Thayer dá um sen-

¹ Bacharel em Teologia pelo Seminário Teológico Batista de Ijuí, graduando em Filosofia pela UNIJUÍ, mestrado em Teologia do NT pela Faculdade Teológica Batista de SP, mestrando em Teologia (Bíblia) pela EST (São Leopoldo) e professor do Seminário Teológico Batista de Ijuí.

tido lato de parábola. Ele descreve o termo grego παραβολη/ como “parábola, comparação de uma coisa com outra, semelhança, similitude (...). Uma narrativa, fictícia, mas de acordo com as leis e costumes da vida humana, na qual ou os deveres dos homens ou as coisas de Deus, particularmente a natureza e história do Reino de Deus, estão retratadas”.² Neste sentido é a explicação de algo desconhecido através de figuras conhecidas.³ Mediante a comparação entre o conhecido e o desconhecido, na qual o próprio ouvinte deve descobrir a semelhança (geralmente não mencionada, a fim de colocar em ação os processos mentais do ouvinte, de compreender, comparar e considerar), chega-se ao ponto essencial da analogia.⁴ Segundo Martínez

parábola é uma narração, mais ou menos extensa, de um acontecimento imaginário do qual, por comparação, se deduz uma lição moral ou religiosa. Etimologicamente, o nome *parabolê* corresponde ao verbo *paraballô*, que literalmente significa por ao lado, comparar. Em efeito, a parábola se caracteriza porque implica na comparação de objetos, situações ou atos bem conhecidos - tomados da natureza ou da experiência - com objetos ou atos análogos de tipo moral desconhecidos. Daqueles (a imagem) se deduzem estes (a realidade que se pretende ensinar). Imagem e realidade se encontram no *tertium comparationis* o ponto de comparação, comum a ambas.⁵

Zuck complementa, afirmando que a parábola é um tipo de linguagem figurada em que se fazem comparações; mas, em vez de usar uma só palavra ou expressão para a comparação ou analogia, como ocorre num símile ou numa metáfora, a parábola faz uma ampla analogia em forma de história. Apesar de ter base plausível, ela pode não ter realmente ocorrido com todos os detalhes como foi apresentada. Os acontecimentos históricos podem servir de ilustrações, mas as parábolas são histórias especiais, não necessariamente fatos históricos, contadas para ensinar certa verdade.⁶

² THAYER, J. H. *Greek-English Lexicon of the New Testament*, p. 479.

³ HOOVER, R.L. *Os Evangelhos*, p. 34

⁴ PEISKER, C.H. *Parábolas*. In: BROWN, C. (edit). *NDITNT*, p. 449.

⁵ MARTÍNEZ, J.M. *Hermeneutica bíblica*, p. 451.

⁶ ZUCK, R.B. *A Interpretação Bíblica*, p. 225. Manson, faz a seguinte definição: “A parábola é um quadro em palavras de algum trecho da experiência humana, concreto ou imaginado. Mas além disso, o quadro retrata ou um tipo ético para a nossa admiração ou reprovação, ou algum princípio da maneira de Deus dirigir o mundo, ou ainda ambas as coisas. A parábola espelha a compreensão e a experiência religiosa do seu criador... Na sua operação real, pois,

Konings, diz que são “faíscas de um pensamento vivo e concreto, que iluminam por um momento o conhecimento e dão uma intuição momentânea, que não precisa de explicação”.⁷ Kenneth Bailey vai um pouco além, e afirma que as parábolas não são ilustrações. Ele se baseia nas declarações de Manson que diz que “as mentes treinadas segundo o padrão ocidental de pensamento”, estão acostumadas a argumentos teológicos expressos em abstrações; e, então, para ajudar a “popularizar essas conclusões,” elas podem ser ilustradas com temas da vida comum. Manson continua: “A verdadeira parábola não é uma ilustração para ajudar a esclarecer uma discussão teológica; pelo contrário, é uma forma de experiência religiosa”.⁸ Bailey faz um exercício para a compreensão desta teoria:

Em Lucas 9:57-58 o texto diz: “*Indo eles caminho fora, alguém lhe disse: ‘Seguir-te-ei para onde quer que fores’*”. Se Jesus fosse ocidental, pode ser que responderia mais ou menos assim: “É fácil fazer declarações ousadas, mas você precisa considerar seriamente o que lhe custará me seguir. Parece evidente que até agora você não o fez. Preciso dizer-lhe claramente que não lhe posso oferecer salário nem segurança alguma. Se as minhas palavras ainda não estão claras, talvez uma ilustração ajude: por exemplo, eu nem possuo cama para dormir». Mas Jesus responde: “*As raposas têm seus covis e as aves do céu, ninhos; mas o filho do homem não tem onde reclinar a cabeça*”. Ao invés da declaração abstrata seguida de uma ilustração elucidadora, temos uma confrontação dramática, expressa com brevidade em termos inesquecíveis uma afirmação sublime a respeito da pessoa de Jesus permeia a resposta parabólica. Um impacto é causado no ouvinte/leitor que demanda uma reação. As implicações teológicas obrigam a mente a sair deste centro compacto, em inúmeras direções. Não foi registrada a resposta do discípulo original. O leitor precisa responder agora. Tudo isto acontece a uma só vez, em uma confrontação intensa e dramática. Uma parábola foi proferida! Presumir que podemos capturar tudo o que acontece em uma parábola em uma definição

toda verdadeira parábola é um apelo a uma vida melhor e a uma confiança mais profunda em Deus, cujos pormenores não são senão o lado divino e o lado humano da verdadeira religião, o verso e o reverso da mesma medalha”. (Citado por ZABATIERO, J.P.T. *Parábolas*. In: BROWN, C. (edit). *NDITNT*, p. 452).

⁷ KONINGS, J. *Jesus nos ensinamentos sinóticos*, p. 30.

⁸ MANSON, *Teaching*. In: BAILEY, K. *As parábolas de Lucas*, p. 13.

abstrata é entender mal a sua natureza. Entretanto, precisamos tentar. As parábolas de Jesus são uma forma concreta e dramática de linguagem teológica que força o ouvinte a reagir”.⁹

Fee concorda com esta idéia, quando usa palavras de Marshall McLuhan, dizendo que “*a própria parábola é a mensagem*”.¹⁰ Assim, é contada para dirigir-se aos ouvintes e cativá-los, a fim de fazê-los parar e pensar acerca das suas próprias ações, ou de levá-los a dar alguma resposta.¹¹

1.2 Uso das Parábolas

Aristóteles usava parábolas como meio de persuasão e Platão as usava para ensinar os princípios de uma vida justa. Entretanto, as parábolas tiveram mais largo emprego no mundo hebreu do que grego. Uma das razões é que a linguagem hebraica não se prestava tanto para a expressão de idéias abstratas, como a mentalidade grega e ocidental, que é mais lógica. Daí, o ensino comum através de discursos, no Ocidente, e através de linguagem simbólica, no Oriente.¹² Jesus, embora usasse o sistema de sermões e discursos, encontrou um ambiente propício para o uso de parábolas que muito se prestava para a instrução oral. Porém, é óbvio que Jesus não foi o criador das parábolas. Elas já existiam no Antigo Testamento e também na tradição rabínica.

“Na LXX, *parabolê* sempre é equivalente do substantivo *mâshâl* (משל) “ou do verbo *mâshal*” (משל). Como substantivo “significa um ‘ditado’ que contém uma comparação (...), um ‘dito sábio’” ou a forma parabólica. O verbo em correspondência com isto significa “dizer ou contar um *mâshâl*”.¹³ Os rabinos também usavam este método de ensino. Suas parábolas eram comumente apresentadas com uma pergunta: “Uma parábola: A que se assemelha?”. Kistemaker dá um exemplo:

Uma parábola: a que se assemelha? A um homem que estava viajando pela estrada, quando encontrou um lobo. Consegiu escapar dele e seguiu adiante, relatando aos outros seu encontro com o lobo. Então, ele encontrou

⁹ BAILEY, K. *As parábolas de Lucas*, pp. 13-14.

¹⁰ FEE, G.D. & STUART, D. *Entendes o que lêes?*, p. 125.

¹¹ Interessante notar que o vocábulo português “palavra”, provém deste mesmo termo grego *parabolê*. Nascentes afirma que, como tal, “palavra” é uma comparação sob a qual se oculta uma verdade importante. (NASCENTES, A. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*, p. 374).

¹² CAMARGO, S.A. *Ensinos de Jesus através de suas parábolas*, p. 11.

¹³ PEISKER, C.H. *Parábolas*. In: BROWN, C. (ed.). *NDITNT*, pp. 449-450.

um leão e escapou dele; e seguiu adiante, contando a todos o encontro com o leão. A seguir, ele encontrou uma cobra e escapou dela. Após esse acontecimento, ele se esqueceu dos dois anteriores e prosseguiu contando o caso da cobra. Assim também é Israel: as últimas dificuldades o fazem esquecer as primeiras.¹⁴

1.3 Contexto das Parábolas

O estudo do contexto é uma das principais regras de interpretação das parábolas, e será vista novamente no próximo sub-ponto. Porém, dada a sua relevância, dar-se-á atenção especial para o estudo do mesmo. Stadelmann afirma que o “contexto da parábola dá para o intérprete, via de regra, a chave para a compreensão do significado intencionado; pois nele se representa a situação, à qual se responde com uma parábola”.¹⁵

Gilhuis afirma que a atitude das pessoas para com o autor é outra chave para entender as parábolas.¹⁶ Assim é de suma importância identificar o auditório, porque o significado da parábola tem a ver com como foi originalmente ouvida.¹⁷ Todas as parábolas funcionam como parte essencial de uma unidade literária maior. Em cada caso, é a unidade que precisa ser examinada para se determinar acerca do que, afinal de contas, a parábola fala. Dupont faz referência a três contextos que merecem ser observados:

1. O contexto literário: no qual uma parábola nos foi transmitida como simples parte de uma unidade literária que a ultrapassa. (...) é o sentido que lhe atribui o evangelista que no-la relata. *2. O contexto original:* a situação de vida em que a parábola surgiu e em função da qual foi imaginada. Assim, parece possível encontrar a significação primeira da parábola: em função do elo que a unia à situação de vida na qual foi antes pronunciada. *3. O contexto atual:* o do cristão que hoje relê uma parábola. Não só as idéias de seu tempo e de seu meio influenciam essa leitura, como é graças a elas que a parábola permanece significativa para ele hoje, oferecendo-lhe uma mensagem que vai ao encontro, nas situações concretas de sua vida.¹⁸

¹⁴ KISTEMAKER, S.J. *As parábolas de Jesus*, p. 18.

¹⁵ STADELMANN, H. *Schriftgemäß predigen*, pp. 127-128.

¹⁶ GILHUIS, P. *Como interpretar a Bíblia*, p. 252.

¹⁷ FEE, G. & STUART, D. *Entendes o que lêes?* p. 127.

¹⁸ DUPONT, J. *Por que parábolas?* pp. 8-9.

Drane, porém, expressa sua preocupação de que nem sempre se sabe a exata “situação na vida” (*Sitz im Leben*) das parábolas. As parábolas nem sempre foram registradas como parte de uma biografia, dispostas cronologicamente, mas como uma mensagem explicativa e devido a sua permanente relevância para as necessidades do mundo e da igreja.¹⁹

1.4 Interpretação das Parábolas

Este é um dos aspectos mais difíceis neste assunto. Como regra geral, deve-se sempre perguntar o que o autor quis dizer aos seus ouvintes com determinada parábola, e não o que o intérprete quer que a parábola diga.²⁰ Far-se-á primeiramente uma análise de como as parábolas foram interpretadas no decorrer da história.

1.4.1 História da Interpretação

A interpretação das parábolas no decurso da história da Igreja tem recebido uma série de abordagens diferentes e, até mesmo, contraditórias, particularmente no século passado. A partir de Orígenes a abordagem mais comum era a da alegorização dos detalhes da narrativa, ficando a parábola sujeita à imaginação do intérprete. Entretanto, nem todos os intérpretes das parábolas tomaram o caminho da alegoria. Por ocasião da Reforma, Martinho Lutero preferiu um método de exegese bíblica que levava em consideração a localização histórica e a estrutura gramatical da parábola. João Calvino foi ainda mais direto. Evitou totalmente as interpretações alegóricas das parábolas e procurou estabelecer o ponto principal de seu ensinamento. Quando constatava o significado de uma parábola, não se preocupava com os pormenores.²¹

Durante a segunda metade do século XIX, C. E. van Koetsveld, um estudioso alemão, deu novo impulso ao modo de abordar o assunto, iniciado pelos reformadores. Mostrou que as extravagantes interpretações alegóricas das parábolas, obscureciam mais que esclareciam o ensino através de parábolas. Para ele, o exegeta precisa apenas aprender o seu significado básico e distinguir o que é, ou não, essencial. Van Koetsveld foi seguido, em sua maneira de abordar as parábolas, pelo teólogo alemão A. Jülicher. Este teve o mérito de desmascarar a abordagem errônea na interpretação das parábolas, que dominava o cenário hermenêutico até então. No entanto, Jülicher não ofereceu

uma alternativa totalmente satisfatória.²² “No século XX o estudo das parábolas recebeu um enorme impulso, como resultado da obra de Jülicher”. Bugge, Fiebig, Strack e Billerbeck, “demonstraram a importância do pano-de-fundo judaico para a compreensão das parábolas”. J. Jeremias, trabalhando a partir de Dodd, deu grande ênfase ao contexto original das parábolas, o *Sitz Im Leben* (o *background* das parábolas).²³

“Finalmente, é necessário registrar a abordagem ‘literária oriental’ de Kenneth E. Bailey, em *Poet and Peasant*, 1976. A sua proposta é de uma exegese culturalmente orientada”.²⁴ Segundo Bailey, o aspecto histórico deve ser reexaminado à luz da evidência adicional do ambiente cultural das parábolas. Além disso, o aspecto estético deve ser visto à luz das formas literárias orientais. Esta é a sua tarefa no livro em questão. Para este autor, a exegese oriental é um método de estudar um texto culturalmente condicionado. O método requer o uso das ferramentas padrões da erudição ocidental em combinação com *insights* culturais adquiridos da literatura antiga, camponeses contemporâneos e versões orientais. A opinião de Zabatiero é de que, até o presente momento, este parece ser o mais fecundo trabalho sobre a interpretação das parábolas, pela sua combinação do histórico e literário, do uso da hermenêutica e das ciências da cultura.²⁵

Pode-se dizer então, que as parábolas têm sido interpretadas basicamente sob três aspectos: 1) Há os que procuram e esperam apenas traçar uma correspondência muito geral entre o sinal e a coisa significada; 2) Outros descem aos mínimos detalhes, na sua compreensão; e 3) Outros, ainda, tomam uma posição média e conciliadora.²⁶

1.4.2 Regras de Interpretação

Diante dos vários pontos de vista relacionados, convém estabelecer algumas regras gerais que aliadas ao bom senso do leitor e intérprete, ao tato, à experiência individual e reverência pela Palavra de Deus, auxiliarão para

²² Há quatro grandes fraquezas na posição delineada por Jülicher: “Uma rejeição de todos os elementos alegóricos; a aceitação de categorias aristotelianas como modelo para entender as parábolas; a redução das parábolas a princípios morais genéricos; e a estrita insistência na idéia de que há somente um ponto de comparação em cada parábola”. ZABATIERO, J.P.T. *Parábola*. In: BROWN, C. *NDITNT*, p. 453.

²³ ZABATIERO, J.P.T. *Op.cit.*, p. 454.

²⁴ *Id. Ibid.* O livro de Bailey está editado em português: BAILEY, Kenneth. *As parábolas de Lucas*. São Paulo: Vida Nova, 1995. 381p.

²⁵ ZABATIERO, J.P.T. *Op. Cit.*, pp. 454-455.

²⁶ CAMARGO, S.A. *Ensinos de Jesus através de suas parábolas*, p. 18.

¹⁹ DRANE, J. *Jesus*, p. 125.

²⁰ STADELMANN, H. *Schriftgemäß predigen*, p. 127.

²¹ KISTEMAKER, S.J. *As parábolas de Jesus*, p. 22.

uma boa, são e útil interpretação dos elementos parabólicos.²⁷

a) **Respeito (busca) à verdade.** Neal começa suas regras de interpretação, afirmando que o intérprete deve ter um profundo respeito pela verdade. O ato de ser um cristão sincero não é suficiente, pois não tira o perigo de ser levado por falsos caminhos. É necessário evitar que preconceitos o levem a interpretações errôneas.²⁸ Desta forma, é de suma importância a orientação divina na interpretação das mesmas.

b) **Contexto.** O sub-ponto 1.3, já abordou a importância do contexto de uma parábola. Bailey fala sobre "a peça dentro da peça".²⁹ Um exemplo muito prático é a parábola dos dois devedores, contada por Jesus quando estava na casa de Simão (Lc 7.36-50): uma peça dentro de uma peça. Neste sentido o intérprete sempre deve fazer um estudo da conjuntura histórica da parábola, incluindo uma análise pormenorizada das circunstâncias religiosas, sociais, políticas e geográficas reveladas na parábola.³⁰

c) **Fundo Cultural.** Para captar objetivamente o significado de uma parábola, o intérprete deve situar-se no plano cultural daqueles que ouviram a parábola.³¹ Bailey alerta sobre o fato de que alguns mil anos já se passaram, e que culturalmente se pensa como ocidentais, e não como orientais. Em suma, as parábolas são histórias a respeito de pessoas que viveram em um determinado tempo e lugar.³²

d) **Tipo de Literatura.** O intérprete deve atentar também para a estrutura literária e gramatical da parábola. Entram neste processo a exegese (tempos e modos verbais, declinações de substantivos, etc.)³³ e a crítica retórica (introduções, conclusões e paralelismos: sinônimo, antitético, sintético, invertido ou em degrau).³⁴

e) **Verdade Central.** Este é um dos aspectos mais discutidos a respeito da interpretação das parábolas. Zuck afirma que uma parábola quase sempre afirma "uma única verdade espiritual". Para ele, sair à caça de significados para cada detalhe de uma parábola equivale a transformá-la numa alegoria. Neste caso, seria acrescentar ao texto o que não está lá - um caso de *eisegese*.³⁵

Gilhuis é da mesma opinião, mas esclarece algo a mais a respeito dos detalhes da parábola. Para ele, a parábola é contada com um só objetivo: elucidar uma verdade central. Porém, os detalhes corroboram para o entendimento da verdade central. Faz então um gráfico da diferença entre a alegoria e a interpretação correta dos detalhes de parábolas.³⁶

$$\begin{array}{l} A = a \\ B = b \\ C = c \end{array} \quad \text{alegoria} \quad \left. \begin{array}{l} A \\ B \\ C \end{array} \right\} = x \quad \text{parábola}$$

Camargo afirma que a preocupação do intérprete deve ser descobrir a unidade do todo, isto é, determinar o ponto central, em plena luz, e então a proporção reta e significação de todas as circunstâncias particulares se tornarão claras.³⁷ Konings, porém, deixa no ar uma pergunta: quem pode saber se o autor queria dar às suas parábolas um só sentido bem fixo?³⁸ Bailey, então, é da opinião de que as parábolas têm em si mais do que um único tema, e que esses podem ser entendidos sem se destruir a unidade das parábolas, nem voltar às alegorias do passado. Este conglomerado de temas teológicos conjuntamente levam o ouvinte a tomar uma única decisão/reação.³⁹

f) **Teologia Bíblica.** Almeida afirma que se deve interpretar as parábolas de acordo com a analogia da fé. É princípio geral de interpretação que a nenhum texto se pode dar um sentido contrário ao ensinamento geral e claro das Escrituras sobre o mesmo assunto.⁴⁰

g) **Atualização.** O intérprete da parábola deve traduzir seu significado em termos apropriados às necessidades de hoje. Sua tarefa é aplicar o ensinamento central da parábola à situação de vida da pessoa que está ouvindo sua interpretação.⁴¹ Fee também demonstra esta preocupação. Ele lembra que as parábolas estão num contexto escrito e, através de um processo

²⁷ *Ibidem*, p. 19.

²⁸ NEAL, C.L. *Parabolas del Evangelio*, p. 10.

²⁹ BAILEY, K. *As parábolas de Lucas*, p. 16.

³⁰ KISTEMAKER, S.J. *As parábolas de Jesus*, p. 24.

³¹ MARTÍNEZ, J.M. *Hermenêutica bíblica*, p. 458.

³² BAILEY, K. *Op.cit.*, pp. 17,19.

³³ KISTEMAKER, S.J. *Op.cit.*, p. 25.

³⁴ BAILEY, K. *Op.cit.*, p. 21.

³⁵ ZUCK, R. B. *A interpretação bíblica*, p. 248.

³⁶ GILHUIS, P. *Como interpretar a Bíblia*, p. 254.

³⁷ Cita Lisco, que sugere a seguinte ilustração: "A parábola é comparada a um círculo, do qual o centro é a verdade espiritual que se pretende ensinar e dele saem os raios que são as várias circunstâncias da narrativa. Enquanto o intérprete não se coloca no verdadeiro lugar, no centro, nem o círculo aparece na sua forma perfeita, nem a bela unidade e harmonia perfeita com que os raios convergem para um só ponto, serão percebidas". (CAMARGO, S.A. *Ensinos de Jesus através de suas parábolas*, p. 20)

³⁸ KONINGS, J. *Jesus nos Evangelhos Sinópticos*, p. 31.

³⁹ BAILEY, K. *As parábolas de Lucas*, pp. 25-26.

⁴⁰ ALMEIDA, A. *Hermenêutica bíblica*, p. 76.

⁴¹ KISTEMAKER, S.J. *As parábolas de Jesus*, p. 25.

exegético, deve-se descobrir seu significado com alto grau de exatidão. O que precisa ser feito então, é traduzir essa mesma lição para o contexto atual, de tal forma que os ouvintes de hoje possam sentir a ira, ou a alegria, que os ouvintes originais experimentaram.⁴²

II – A PARÁBOLA DE NATÃ (2 Sm 12)

Os primeiros capítulos de II Samuel descrevem muito bem os êxitos e a fama de Davi. Da mesma forma os capítulos 11 e 12 narram com igual franqueza um ato vergonhoso do rei Davi e as suas conseqüências. Nenhum biógrafo secular prestaria tanta atenção ao fracasso de um personagem. A Bíblia, porém, apresenta evidências de sua inspiração divina apresentando seus heróis tal qual eles são. Davi havia chegado ao apogeu de seu poder quando caiu tragicamente. Poderia vencer os exércitos das nações que estavam ao redor dele, mas foi derrotado por sua própria paixão desenfreada.⁴³

O capítulo 11 retrata toda a trama do seu pecado. Primeiramente, da altura de seu palácio, Davi vê uma formosa mulher tomando banho. Em seguida coloca em marcha uma cadeia de acontecimentos que o conduziram a cometer adultério e assassinato. Quando Davi tenta ocultar seu adultério, um pecado conduz ao outro. O ato mais cruel foi enviar com seu esposo, o valente e fiel Urias, sua própria sentença de morte.

No capítulo seguinte, é retratado o confronto que o profeta Natã faz de Davi com o seu pecado. Baldwin lembra que enquanto em outros países o rei era considerado divino, em Israel ele tinha de se submeter ao Senhor que o escolhera, e observar todos os mandamentos dados a Israel (Dt 17.15-20). Era tarefa do profeta do Senhor encorajar o rei a cumprir essas obrigações e repreendê-lo em nome do Senhor caso deixasse de cumpri-las.⁴⁴ O texto inicia afirmando que “o Senhor enviou a Davi o profeta Natã” (v.1). Ele não foi por conta própria; foi enviado pelo Senhor. Natã não foi falar com Davi logo após o adultério. Também não após o anúncio de que Bate-Seba estava grávida. Nem tão pouco após o assassinato de Urias. Também não após o casamento com a viúva grávida ou após o nascimento da criança. Deus enviou Natã no momento certo.⁴⁵ Embora fosse, sem dúvida, conhecedor do pecado de Davi,

⁴² FEE, G. D. & STUART, D. *Entendes o que lês?*, p. 133.

⁴³ HOFF, P. *Os livros históricos*, p. 151.

⁴⁴ BALDWIN, J. *I e II Samuel*, p. 266.

⁴⁵ SWINDOLL, C. *Davi*, p. 248.

ele não procurou o rei senão quando enviado pelo Senhor.⁴⁶

Natã dirige-se a Davi com uma parábola. Alguns eruditos colocam a perícopes (v.1b-4) como sendo uma fábula. Anderson, entretanto, afirma categoricamente que se tem “aqui uma parábola, e não uma alegoria ou uma fábula”.⁴⁷ Como acima exposto, muitas vezes a parábola constitui uma “peça dentro da peça”. Assim, considerando-se o contexto, sugere-se o seguinte esboço para a interpretação da parábola.

A – A circunstância (1b-3)

Natã informa que havia dois homens numa cidade, um era rico e o outro pobre. Os bens do rico colocam-se em contraste gritante com a *cousa nenhuma* do pobre; as *suas ovelhas e o gado em grande número* com *uma cordeirinha*; o rebanho que naturalmente cresceria, com a necessidade que o pobre teve de comprar seu único bem. No texto, pode-se ver o pobre de tal maneira que se pode conhecê-lo: cria com cuidado a cordeira que comprou, tratando-a como se fosse um membro da sua família, mimando-a como uma filha querida, tornando-se inseparáveis.⁴⁸

Lockyer oferece alguns esclarecimentos:

...‘Havia numa cidade dois homens’. Em certo sentido eram iguais, companheiros e compatriotas. Por ‘dois homens’, entendemos Davi e Urias, que embora estivessem no mesmo nível como seres humanos, ambos sujeitos às leis de Deus, eram, porém, diferentes. (...) As diferenças entre os dois homens retratados por Natã eram gritantes. Habitando ‘numa cidade’ eram como dois pólos quanto à posição social e aos privilégios: ‘um rico e outro pobre’. Deus por sua misericórdia tinha dado a Davi muitas riquezas. (...) O ‘pobre’ era Urias, soldado do exército de Davi, e portanto obrigado a submeter-se à sua soberana vontade. A despeito da posição menos privilegiada, Urias teve ações mais nobres que as do rei. Tal diferença apenas agravava o crime hediondo de Davi.⁴⁹

É interessante notar ainda que a palavra final do verso 3, בַּת, traduzida por filha, é a mesma da primeira sílaba da palavra Bat-Sheba (בַּת שֶׁבַע), esposa de Urias.

⁴⁶ LOCKYER, H. *Todas as parábolas da Bíblia*, p. 38.

⁴⁷ ANDERSON, A. *World Biblical Commentary: 2 Samuel*, p. 162.

⁴⁸ BALDWIN, J. *I e II Samuel*, p. 267.

⁴⁹ LOCKYER, H. *Todas as parábolas da Bíblia*, p. 38.

B – A atitude (v. 4)

O versículo seguinte afirma “*certo dia, um viajante chegou à casa do rico e este não quis pegar uma de suas próprias ovelhas ou de seus bois para preparar-lhe uma refeição. Em vez disso preparou para o visitante a cordeira que pertencia ao pobre*” (v. 4). Davi tinha muitas esposas e concubinas. Poderia ter escolhido uma delas ou mais para satisfazer seus desejos. Entretanto, apanhou a cordeira única de Urias. Natã salientou que Davi não tinha nem necessidade e nem o direito de procurar Bate-Seba.

O texto não se preocupa com a identificação do visitante. A ênfase está no fato de que o rico toma a ovelha de estimação do pobre e a prepara como prato principal de seu banquete. Se antes fora possível conhecer o pobre no seu cuidado com a única ovelha, “agora também conhecemos o rico em toda sua avareza e insensibilidade”⁵⁰.

C – A sentença (v.5-6)

No verso seguinte vê-se que “*o furor de Davi se acendeu sobremaneira contra aquele homem*”. Ele considera aquele rico digno de morte em razão daquele ato tão cruel e impiedoso. Ellicot, citado por Lockyer, afirma que “os impulsos generosos de Davi não haviam sido destruídos pelo pecado, nem seu senso de justiça; o seu caráter impulsivo no mesmo instante o fez indignar-se sobremaneira”⁵¹. O juramento (*tão certo como vive o Senhor*) era desnecessário, mas é uma amostra de um intenso envolvimento de Davi com o caso apresentado. Baldwin cita Fokkelman, que afirma:

Davi procura se ocupar com a realidade externa, o rico e sua má ação, mas, na realidade, está envolvido consigo mesmo e procura dessa maneira restabelecer seus sentimentos de bem estar... Com este objetivo, Natã oferece a Davi uma tela de projeção, e este, de fato, projeta-se veementemente. Ele pretende dar o veredicto acerca de outro, mas o que acontece é que dá o veredicto sobre si mesmo”⁵².

Davi profere então: “*Tão certo como vive o Senhor, o homem que fez isso deve ser morto. E pela cordeirinha restituirá quatro vezes, porque fez tal coisa e porque não se compadeceu*”. O castigo era certamente mais severo

⁵⁰ BALDWIN, J. *Op. Cit.*, p.267.

⁵¹ *Apud*, LOCKYER, H. *Todas as parábolas da Bíblia*, p. 38. Entretanto, é sabido que “desculpamos em nós mesmos o que condenamos, com mais veemência, em outras pessoas”.

⁵² BALDWIN, J. *I e II Samuel*, p. 267.

do que o caso merecia, ou mais severo do que ordenava o estatuto divino (Ex 22.1),⁵³ que previa apenas a restituição em quatro vezes mais daquilo que foi roubado, mas não a pena capital.

A restituição em quatro vezes, prevista na lei, tem sido interpretada em termos da perda subsequente de quatro filhos de Davi: o primeiro filho de Bate-Seba (vs. 14-18), Amnom (13.28-29), Absalão (18.14-15) e Adonias (I Rs 2.24-25).⁵⁴

D – O culpado (v. 7a)

Naquele momento vulnerável e indefeso, quando proferiu a sentença acima, Davi enfiou a cabeça no laço. Tudo o que Natã tinha a fazer era puxar a corda. Com ousadia e sem demora, Natã aplica a parábola à consciência já desperta de Davi, dizendo isto em poucas palavras: “*Tu és o homem*”. Baldwin faz o seguinte comentário neste trecho:

Davi condenou a si mesmo e, de repente, tem de encarar seu próprio veredicto, dado acerca de outro, mas agora aplicado infalivelmente a si mesmo. Não poderia haver exemplo mais instrutivo do poder da parábola como ferramenta no aconselhamento. Todas as defesas de Davi foram destruídas com um só golpe, e ali está ele, despido perante o seu juiz.⁵⁵

Agora que Davi caíra em si mesmo, Natã começa a esclarecer algumas coisas. Temos na estrutura do texto uma repetição dos mesmos assuntos acima, da seguinte forma:

A’ – A circunstância (v. 7.b-8)

O caminho fora aberto pelo apelo da parábola à consciência do rei. Agora Davi tinha de deixar que a Palavra do Senhor lhe fizesse um exame profundo para trazer à luz o lado oculto e obscuro. A fim de que Davi pudesse pensar sobre a circunstância, Natã lembra, narrando na primeira pessoa, algumas coisas que o Senhor lhe havia feito: “*Assim diz o Senhor Deus de Israel: eu te ungi sobre Israel, e te livre das mãos de Saul, dei-te a casa de teu senhor, e as mulheres de teu senhor em teus braços, e também te dei a casa de*

⁵³ JAMIESON, R. et. al. *Comentario exegetico y explicativo de la Biblia*, 254.

⁵⁴ SPROUL, R. C. (edit.) *Bíblia de estudo Geneva*, p.368.

⁵⁵ BALDWIN, J. *Op. Cit.*, p.268.

Israel e de Judá, e, se isso fora pouco, eu teria acrescentado tais e tais coisas” (v. 7b-8).

Davi teve de considerar tudo o que recebeu das mãos de Deus: “*Eu te ungi... e eu te livre... dei-te*”. Ele teve a riqueza de experimentar o favor do Senhor desde a juventude, quando foi ungido por Samuel, quando foi livrado da morte nas mãos de Saul e quando herdou reino e as mulheres do seu senhor.⁵⁶ Quanto às mulheres, era um direito de Davi como soberano oriental, embora a história evidencie que o rei realmente nunca tomou alguma das concubinas de Saul. O ponto central neste versículo é o fato de que Davi já possuía um considerável harém, e, portanto, seu adultério era ainda mais indesculpável.⁵⁷

B' – A atitude (v. 9)

Não obstante tudo o que Deus havia feito e dado, Davi fez o que era mau perante Ele, desprezando assim a Palavra do Senhor. A expressão era a mesma utilizada em 2 Sm 11.25,27 e a respeito de todos os reis maus em Israel e Judá nos anos posteriores. Davi conhecia também o que tinha acontecido com Saul quando este rejeitou a palavra do Senhor (1 Sm 15.23). Agora, o próprio Davi estava sob julgamento.

Embora Davi tivesse planejado a morte de Urias à distância, ele era tão culpado de assassinato quanto se tivesse atravessado o homem com sua própria espada. Por isso a acusação direta do profeta: “*A Urias, o heteu, feriste à espada*”. Mesmo que não fosse julgado culpado pela lei terrena, ele não tinha base alguma para apelar diante do juiz divino, que passou a revelar o adultério que motivou o assassinato: “*e a sua mulher tomaste por mulher depois de o matar com a espada dos filhos de Amom*”.⁵⁸

C' – A sentença (v. 10-12)

Se no primeiro momento Davi havia proferido a sentença sobre o caso apresentado na parábola, agora é o profeta, falando da parte de Deus, que profere a sentença. Carrol afirma que após ser descoberto o pecado, um juízo segue a outro juízo como terríveis golpes de martelo: a) “a espada nunca se apartará da tua casa”; b) “Eu levantarei o mal contra ti em meio a tua própria família”; e c) “o que tens feito em secreto eu farei perante todo o Israel e o perante o sol”.⁵⁹

⁵⁶ BALDWIN, J. *1 e II Samuel*, p. 267.

⁵⁷ PAYNE, D. F. *1 y 2 Samuel*. In: GUTHRIE, D. et. al. *Nuevo Comentario Biblico*, p. 237.

⁵⁸ BALDWIN, J. *Op. Cit.*, p. 269.

⁵⁹ CARROL, B. H. *La monarquia hebrea*, p. 217.

O castigo deveria estar de acordo com o crime. O fato de que “a espada não se apartaria da sua casa” é cumprido nas mortes violentas de Amnon (13.28-29) e Absalão (18.14-15) ainda durante a vida de Davi, sem falar das mortes de Adonias (1 Rs 2.24-25) e Joabe (1 Rs 2.29-34), ordenadas por Salomão. Baldwin lembra que a dinastia de Davi, ao contrário da de Saul, iria permanecer, mas que as gerações vindouras se recordariam do pecado de Davi, enquanto lutassem em guerras sem fim.⁶⁰

O mal seria suscitado contra Davi de dentro da sua própria casa. A revolta de Absalão, descrita a partir do capítulo 15, cumpre muito bem esta profecia. Este iria tomar suas mulheres e se deitar com elas em plena luz do sol. Isto se cumpre literalmente no capítulo 16, verso 22, quando Absalão ordena que se arme uma tenda no eirado, e ali, a vista de todo o Israel, coabita com as concubinas de seu pai. Enquanto Davi havia tomado a mulher de Urias secretamente, todo o Israel seria testemunha da retribuição do Senhor.

D' – O culpado (v.13)

Se num primeiro momento Davi proferiu a sentença e Natã indicou o culpado, agora é Natã que indica a sentença vinda do Senhor, e o próprio Davi reconhece ser o culpado. A parábola atingira sua finalidade. O ouvinte havia se identificado na estória e pode agora confessar “*pequei contra o Senhor*”.

Esta humilhação era incrivelmente difícil de suportar e poderia ter sido considerada um suicídio político, mas o rei, convencido da integridade de Natã como profeta, rebaixou-se em confissão. De forma imediata, vem a surpreendente resposta: “*O Senhor te perdoou o teu pecado; não morrerás*”. Foi um momento decisivo na vida de Davi e mostrou claramente que era diferente de Saul no relacionamento mais importante de todos, o de submissão ao Senhor Deus.⁶¹

O Salmo 32 é tradicionalmente aceito como expressão dos pensamentos de Davi nesta ocasião, pois demonstra a alegria de conhecer o perdão em lugar da culpa e a restauração da comunhão após a dor da convicção do pecado:

Bem-aventurado aquele cuja iniquidade é perdoada, cujo pecado é coberto. Bem-aventurado o homem a quem o SENHOR não atribui iniquidade e em cujo espírito não há dolo. Enquanto calei os meus pecados, envelheceram os meus ossos pelos meus constantes gemi-

⁶⁰ BALDWIN, J. *1 e II Samuel*, p. 269.

⁶¹ BALDWIN, J. *1 e II Samuel*, p. 270.

dos todo o dia. Porque a tua mão pesava dia e noite sobre mim, e o meu vigor se tornou em sequidão de estio. Confessei-te o meu pecado e a minha iniquidade não mais oculte. Disse: confessarei ao SENHOR as minhas transgressões; e tu perdoaste a iniquidade do meu pecado (SI 32.1-5).

O Salmo 51 também foi escrito nesta ocasião, visto haver a indicação clara da circunstância no prefácio do Salmo.

Deve-se notar, entretanto, que perdão e castigo não se excluem entre si, necessariamente.⁶² É importante lembrar que

O pecado traz dois resultados – separa o homem de Deus e produz maus efeitos no mundo. O primeiro pode ser cancelado pelo perdão, mas o segundo permanece. A tragédia da história humana é que os maus efeitos do pecado não são sempre, nem totalmente, sofridos pelo pecador.⁶³

Assim, o filho que nascera do adultério de Davi com Bate-Seba, morreria (conforme v. 14). Os versos 15b e seguintes, retratam um rei em busca do Senhor para evitar a morte da criança, que, no entanto, foi em vão.

É interessante notar ainda o fechamento da seção, quando no verso 15a afirma que “*então Natã foi para sua casa*”, em relação oposta a “*O Senhor enviou Natã a Davi*” do verso 1.

III – A PARÁBOLA DO PROFETA FERIDO (1 Rs 20)

Neste texto encontra-se uma *encenação parabólica* (assim como em Jr 27.2ss, Ez 12.7ss e outros textos). Encenações parabólicas devem ter sido ainda mais marcantes para as pessoas que as ouviam e viam. Josefo sugere que este profeta era Micaías, filho de Inlá⁶⁴. O mesmo aparece mais à frente em outras situações (cap. 22), mas não se pode ter absoluta certeza de que seja o agente nesta circunstância. No texto, o profeta permanece anônimo.

O contexto fala da tensão entre Acabe, rei de Israel (reino do Norte) e Ben-Hadade, rei da Síria. Onri, pai de Acabe, havia sido obrigado a ceder

⁶² PAYNE, D. F. *1 y 2 Samuel*. In: GUTHRIE, D. et. al. *Nuevo Comentario Bíblico*, p. 237.

⁶³ PFEIFFER, C. (edit). *Comentário Bíblico Moody*, p.118.

⁶⁴ *Apud*, LOCKYER, H. *Todas as parábolas da Bíblia*, p. 42.

algumas cidades aos sírios e permitir alguns privilégios comerciais em Samaria (20:34). No momento, Acabe percebia a superioridade da Síria, mas as provocações de Ben-Hadade levaram o rei de Israel e os seus conselheiros a preferirem a guerra. Junto com 32 reis, Ben-Hadade havia sitiado Samaria. Deus enviou um profeta para animar Acabe e orientá-lo a um ataque surpresa. Os sírios foram derrotados. “Jeová não deu a vitória a Israel como aprovação a Acabe, mas para castigar o orgulho do rei sírio e por amor a Israel”⁶⁵.

No ano seguinte os sírios voltaram a lutar contra Israel, pensando que os deuses de Israel eram dos montes, e não das planícies. Pensavam assim em empregar carros de guerra no terreno plano de Afeque. Mas o Senhor deu a vitória decisiva ao exército de Israel, mostrando ser um Deus universal. Esta esmagadora derrota dos sírios deu a Acabe a oportunidade de acabar com Ben-Hadade e o poderio sírio. Entretanto, Acabe colocou o rei inimigo em liberdade, contentando-se em recuperar as cidades antes perdidas, com um trato comercial favorável a Israel. Possivelmente “queria que a Síria continuasse um estado poderoso que resistisse ao avanço assírio”⁶⁶.

Havia chegado o momento do rei ser repreendido pelo seu erro. Entretanto, Acabe não tinha respeito pelos mensageiros do Senhor. Então um profeta pediu a um companheiro que o esmurrasse, para passar por um dos feridos da batalha. Este não quis e, por castigo, um leão o apanhou e o matou. O *Comentário Exegetico y Explicativo de la Biblia* afirma que

Este homem fez mal ao negar-se em ferir o profeta, porque negou a ajuda necessária no cumprimento de um dever ao qual havia sido chamado por Deus, e foi severamente castigado, para que seu castigo servisse como um farol para advertir a outros (assim como em 1 Rs 13.2-24).⁶⁷

O profeta pediu então que outro companheiro o esmurrasse. Desta vez o pedido é atendido. Então ele vai e se põe no caminho onde o rei iria passar, disfarçando-se com uma venda sobre os olhos. Este preparo fora feito para apresentar ao rei a sua repreensão. O texto que segue pode ser apresentado em forma de um quiasmo.⁶⁸ O centro do mesmo é a condenação que Acabe

⁶⁵ HOFF, P. *Os livros históricos*, p. 214.

⁶⁶ *Ibidem*, p.215.

⁶⁷ JAMIESON, R. et. al. *Comentario exegetico y explicativo de la Biblia*, 288.

⁶⁸ O quiasmo, ou paralelismo quiástico, é um esquema de dois um mais membros, no qual os últimos são invertidos, de tal sorte que o primeiro se torne último, o segundo penúltimo, etc. (BALLARINI, T.; REALI, V. *Poética Hebraica e os Salmos*, p. 26).

faz de si mesmo. Assim,

- A – **A Situação Inicial:** O rei ia passando, gritou e disse...
 B – **A Punição:** Será a sua vida pela dele
 C – **A Atitude:** O homem desapareceu estando eu ocupado
 D – **O Juiz:** Disse o rei de Israel:
 E – **O Veredicto:** “Esta é a tua sentença”
 D’ – **O Juiz:** Diz assim o Senhor:
 C’ – **A Atitude:** Soltaste o homem que eu havia condenado
 B’ – **A Punição:** É a sua vida pela vida dele
 A’ – **A Situação Final:** Foi-se o rei para o seu palácio

Este quiasmo é formado pela parábola e sua aplicação. Alguns esclarecimentos sobre o mesmo:

A – A Situação Inicial

Em uma forma parabólica, o profeta apresentou uma situação hipotética, a qual Acabe, não reconhecendo a identidade do profeta, aceitou como verdadeira. O profeta disse que estava em combate, quando um soldado lhe traz um prisioneiro de guerra, pedindo que ele o vigie.

B – A Punição

O trato era que se ele não vigiasse o homem, daria a sua vida pela vida dele ou então pagaria um talento de prata. Um talento de prata era o valor equivalente ao preço de cem escravos.⁶⁹ Parecia ser uma multa exagerada, mas o rei a aplicaria a si mesmo, por ter libertado um prisioneiro bem mais importante.

C – A Atitude

Sem dizer em que, o profeta afirma que estava ocupado daqui e dali. Este ocupar-se com outras coisas, que indica evidentemente as intenções de Acabe em relação a Ben-Hadade, levam ao descuido do prisioneiro, permitindo a sua fuga.

D – O Juiz

Ao ouvir a história, mais que imediatamente, o rei Acabe coloca-se como juiz da situação. Dá-se o direito de julgar a causa em questão. Provavel-

mente julgar o descuido do soldado em relação ao prisioneiro, aliviaria sua própria culpa (assim como Davi fez em relação ao homem que havia roubado a ovelha do pobre – 2 Sm 12.5-6).

E – O Veredicto

O rei Acabe afirma sem hesitar: “*Esta é a tua sentença, tu mesmo a pronunciaste*”. O método utilizado pelo profeta tinha o propósito de que o próprio rei desse o veredicto, sentenciando-se a si mesmo. O propósito é semelhante ao do profeta Natã, que levou Davi a também pronunciar sua própria sentença (2 Sm 12.5-6).

D’ – O Juiz

Se no primeiro momento Acabe havia se posto como juiz para julgar a questão, agora o profeta avisa que o juiz é outro. De forma enfática e taxativa afirma: “*Assim diz o Senhor!*”

C’ – A Atitude

As guerras eram campanhas nas quais o próprio Deus lutava e ganhava, usando os israelitas como seus agentes. Ao entrar nessas guerras, Israel e seu rei deviam conduzir-se da maneira prescrita por Deus. Acabe estava disposto a aceitar a vitória divina, mas violou as regras dadas por Deus para a guerra, ao fazer um tratado com Ben-Hadade⁷⁰, o qual o próprio Deus havia condenado e entregue nas suas mãos.

B’ - A Punição

Ben-Hadade havia sido entregue nas mãos de Acabe, para que este acabasse com ele de uma vez para sempre, mas Acabe se recusou em fazê-lo. A consequência seria simples: a vida de Acabe seria dada em lugar de Ben-Hadade, o que se cumpre mais adiante (22.29-40). Mesmo que cada indivíduo seja responsável pela sua própria conduta diante de Deus, os atos de cada um inevitavelmente afetam as vidas de outras pessoas. É isto que também ocorre neste caso (v.42c)

A’ – A Situação Final

O rei Acabe estava sendo condenado por muitos pecados, dentre os quais o de soltar um inimigo perigoso posto em sua mão. Assim ele vai para sua casa em Samaria triste e desgostoso. Havia sido perdido a oportunidade

⁶⁹ MESQUITA, A. N. Estudo nos livros dos Reis, p. 89

⁷⁰ *In: SPROUL, R. C. (edit.) Bíblia de estudo Genebra, p. 423.*

do reino do norte se fortalecer contra o inimigo. Mesquita lembra que "um homem errado não sabe raciocinar em termos de conveniência".⁷¹

A parábola fica clara quando se percebe que

...o jovem que havia saído à batalha representa Acabe, e o homem confiado aos seus cuidados, o qual escapou por falta de atenção, representa Ben-Hadade. Israel tinha acabado de enfrentar uma batalha difícil e sangrenta, e tinha conquistado a vitória prometida; mas agora na pessoa de Ben-Hadade, o arqui-inimigo que Deus havia dado em suas mãos, estava livre sem punição.⁷²

CONCLUSÃO

As parábolas são realmente um conjunto de verdades profundas e desafiantes. Não são, entretanto, simples ilustrações de uma verdade. São, sim, a própria mensagem. São uma forma de argumentação utilizada por muitas pessoas, especialmente por Jesus no Novo Testamento, e, como tal, instrumentos de revelação de verdades.

Seu uso é muito freqüente no mundo oriental, especialmente hebraico. No Antigo Testamento, embora não com tanta freqüência como no Novo Testamento, aparecem inúmeras parábolas. Muitas delas apenas relatadas; outras tantas encenadas e vividas, principalmente pelos profetas.

O contexto em que as mesmas se encontram é essencial para uma interpretação correta. É, por assim dizer, a chave para a compreensão da parábola. Além disso, considerar o fundo cultural envolvido na parábola é de extrema importância. A estrutura literária (introdução e conclusão da perícopé, paralelismos, etc.) deve ser abordada também. Por fim, é necessário um profundo respeito pela verdade, para não incorrer em fantasiosas alegorias, levando a parábola a dizer aquilo que o intérprete quer que ela diga.

Nos dois exemplos estudados foi possível verificar o poder de uma parábola em atingir, de uma forma aparentemente suave, mas ao final impactante, o propósito desejado. Uma boa parábola é extremamente eficaz para transmitir uma mensagem profunda, para a qual o ouvinte/leitor é levado a dar imediata e decisivamente uma resposta.

⁷¹ MESQUITA, A. N. Estudo nos livros de Reis, p. 89.

⁷² LOCKYER, H. Todas as parábolas da Bíblia, p. 42.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDERSON, A. World Biblical Commentary: 2 Samuel. Dallas: Word Books, 1989. 301 p.
- ALMEIDA, Antônio. Manual de hermenêutica sagrada. São Paulo: Presbiteriana, 1979. 110 p.
- BAILEY, Kenneth. As parábolas de Lucas. Trad. Adiel Almeida de Oliveira. 3.ed. São Paulo: Vida Nova, 1995. 381 p.
- BALLARINI, Teodorico; REALI, Venanzio. A poética hebraica dos salmos. Trad. Ney B. Pereira e Ephraim F. Alves. Petrópolis: Vozes, 1985. 140 p.
- BALDWIN, Joyce G. I e II Samuel: introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 1996. 336 p.
- BROWN, Colin. (edit). O novo dicionário internacional de teologia do Novo Testamento. Trad. Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova, 1983. V. 3. 812 p.
- CAMARGO, Sátulas do Amaral. Ensinos de Jesus através de suas parábolas. 2.ed São Paulo: Imprensa Metodista, 1970. 189 p.
- DRANE, John. Jesus: sua vida e seu evangelho para o homem de hoje. Trad. Alexandre Macintyre. 2.ed. São Paulo: Paulinas. 1982. 212 p.
- DUPONT, Jacques. Por que parábolas? Trad. do Mosteiro da Virgem. Petrópolis, Vozes, 1980. 90 p.
- FEE, Gordon D. & STUART, Douglas. Entendes o que lêes? São Paulo: Vida Nova, 1984. 330 p.
- GILHUIS, Pedro. Como interpretar a Bíblia. 2.ed. Brasília: Cristã Unida, 1980. 305 p.
- GUTHRIE, D. et. al. Nuevo Comentario Bíblico. 5.ed. Buenos Aires: CBP, 1985. 972 p.
- HOFF, Paul. Os livros históricos. Trad. Jefferson Costa. São Paulo: Vida, 1996. 328 p.

- HOOVER, R. L. Os Evangelhos: o que Jesus fez e ensinou. 2.ed. Campinas: EETAD, 1988. 167 p.
- JAMIESON, R. et. al. Comentario exegetico y explicativo de la Biblia. Buenos Aires: CBP, 1972.
- KISTEMAKER, Simon J. As parábolas de Jesus. Trad. Eunice Pereira Souza. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1992. 308 p.
- KONINGS, Johan. Jesus nos Evangelhos Sinópticos. Petrópolis: Vozes, 1977. 149 p.
- LOCKYER, Herbert. Todas as parábolas da Bíblia. São Paulo: Vida, 1999. 432 p.
- MARTÍNEZ, José M. Hermeneutica Bíblica. Terrassa (Barcelona): CLIE, 1984. 586 p.
- MESQUITA, Antônio Neves de. Estudo nos livros de Reis. Rio de Janeiro: JUERP, 1979. 196 p.
- NASCENTES, A. Dicionário etimológico da língua portuguesa. Rio de Janeiro: s/ed, 1955. p. 374.
- NEAL, Charles L. Parabolas del Evangelio. Argentina: CBP, 1972. 144 p.
- SPROUL, R. C. (edit. geral). Bíblia de Estudo de Genebra. São Paulo: Cultura Cristã, 1999. 1728 p.
- STADELMANN, H. Schriftgemäß predigen: Plädoyer und Anleitung für die Auslegungspredigt. 2.ed. Wuppertal. Zurich: Brockhaus, 1991. 228 p.
- SWINDOLL, Charles R. Davi: um homem segundo o coração de Deus. Trad. Neyd Siqueira. 4.ed. São Paulo: Mundo Cristão, 1999. 367 p.
- THAYER, Joseph Henry. Greek-English Lexicon of the New Testament. Grand Rapids, Michigan: Zondervan: 1974. 726 p.
- ZUCK, Roy B. A interpretação bíblica: meios de descobrir a verdade da Bíblia. Trad. César Bueno Vieira. São Paulo: Vida Nova, 1994. 356 p.

CONFLITOS SOCIAIS E ESPERANÇA MESSIÂNICA NA PALESTINA JUDAICA DO SÉCULO I D.C.

Werner Wiese

INTRODUÇÃO

A pesquisa do mundo contemporâneo e conterrâneo do Novo Testamento (NT), especialmente apoiada na *leitura sociológica* com destaque da *antropologia cultural*, desenvolveu muito nas últimas décadas, principalmente para esclarecer o contexto social dentro do qual Jesus viveu e atuou e dentro do qual o cristianismo surgiu. A produção literária neste campo é ampla. Ela mostra que o contexto social do *mundo neotestamentário*¹ é mais complexo do que se imaginou por muito tempo e provavelmente mais complexo do que se possa imaginar hoje. Por conseguinte, a realidade social é mais ampla do que uma leitura dos *textos canônicos* à primeira vista consiga detectar e uma leitura teológica possa apreender de primeiro lance. Neste aspecto a leitura sociológica, com seu enfoque na antropologia cultural, pode contribuir significativamente para compreender aspectos importantes do mundo neotestamentário.

Com *contexto social* quer-se dizer e enfocar acima de tudo o *enredo* entre a *realidade sócio-econômica* e *profissão de fé* ou *esperança de fé*. A Palestina judaica do século I d.C. era estratificada e marcada por profundos desequilíbrios sociais ameaçadores à convivência humana “pacífica”. Os desequilíbrios sociais às vezes se traduziram em conflitos violentos. Esta realidade, não por último, era produzida, legitimada e perpetuada pelos órgãos do poder público, representado pela força imperial romana em colaboração com os *beneficiados desta força* - a aristocracia sacerdotal, centrada no complexo sistema do templo em Jerusalém.² Esse fato causava resistência e revol-

¹ *Mundo neotestamentário* quer significar a realidade social do século I d.C. principalmente da Palestina judaica em termos amplos.

² Como leitura complementar indicamos Martin VOLKMANN. Jesus e o Templo. Uma leitura sociológica de Marcos 11.15-19.